

“Colcha de Retalhos Digital”: uma experiência estética das narrativas (auto) biográficas à luz das Representações Sociais

“Digital Patchwork Quilt”: an aesthetic experience of (auto)biographical narratives in the light of Social Representations

“Digital Patchwork Quilt”: una experiencia estética de narrativas (auto) biográficas a la luz de las Representaciones Sociales

Margaréte May Berkenbrock-Rosito
Universidade Cidade de São Paulo
margaretemay@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-9010-1101>

Kiara Maia de Oliveira
Universidade Cidade de São Paulo
kiaramaiah@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3540-3881>

Nataly Chaves de Freitas
Universidade Cidade de São Paulo
nataly.pinheiro@ymail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9474-7882>

Deborah Christina Lopes Costa
Universidade Cidade de São Paulo
multiaprendizagem@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9518-943X>

RESUMO

O presente artigo trata da metodologia da “Colcha de Retalhos” desenvolvida em ambiente virtual decorrente da pandemia de covid-19. Os relatos de experiência foram produzidos por meio de questionário respondido pelos participantes do grupo de pesquisa em 2020 e 2021. Fez-se uma análise do corpus apoiada na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) para apreensão dos elementos das dimensões informacionais, atitudinais e imagéticas. Os resultados revelaram que os participantes são favoráveis à

participação na construção da “Colcha de Retalhos” no ciberespaço. Evidenciou-se um predomínio no discurso coletivo dos participantes que emoção e sentimentos alusivos às narrativas (auto) biográficas, que denota uma experiência estética, rompem com o senso comum atribuído ao espaço virtual como distante e frio, e também a aprendizagem ser meramente um processo racional e cognitivo. Este processo reflexivo no ambiente formativo virtual constitui os sujeitos e suas experiências de vida, que se cruzam neste caminho de pesquisa.

Palavras-chave: Cultura Digital. Representação Social. Experiência Estética. Narrativa (auto) biográfica. Colcha de Retalhos Digital.

ABSTRACT

This article deals with the “Patchwork Quilt” methodology developed in a virtual environment resulting from the covid-19 pandemic. The data were produced through a contextual questionnaire answered by the participants of the research group in 2020 and 2021. An analysis of the corpus was carried out based on the Theory of Social Representations of Moscovici (1978) to apprehend the elements of the informational, attitudinal and imagery. The results revealed that the participants are in favor of participating in the construction of the “Patchwork Quilt” in cyberspace. There was a predominance in the collective discourse of the participants that emotion and feelings alluding to (self) biographical narratives, which denotes an aesthetic experience, in addition to breaking with the common sense attributed to the virtual space as distant and cold, as well as to learning to be merely a rational and cognitive process also through aesthetic experience.

Keywords: Digital Culture. Social Representation. Aesthetic Experience. Biographical (auto) narrative. Digital Patchwork Quilt.

RESUMEN

Este artículo trata sobre la metodología “Patchwork Quilt” desarrollada en un entorno virtual resultante de la pandemia covid-19. Los datos fueron producidos a través de un cuestionario contextual respondido por los participantes del grupo de investigación en 2020 y 2021. Se realizó un análisis del corpus con base en la Teoría de las Representaciones Sociales de Moscovici (1978) para aprehender los elementos de lo informativo, actitudinal e imágenes. Los resultados revelaron que los participantes están a favor de participar en la construcción del “Patchwork Quilt” en el ciberespacio. En el discurso colectivo de los participantes predominó la emoción y los sentimientos alusivos a las narrativas (auto) biográficas, lo que denota una experiencia estética, además de romper con el sentido común atribuido al espacio virtual como distante y frío, así como a aprender a ser meramente un proceso racional y cognitivo también a través de la experiencia estética.

Palabras clave: Cultura digital. Representación social. Experiencia estética. Narrativa biográfica (auto). Colcha de Retazos Digital.

Introdução

O artigo apresenta uma aproximação entre representações sociais, narrativas e experiência estética. Esta aproximação deriva das reflexões construídas com o grupo de pesquisa “Narrativa (auto)biográfica Pictográfica: representações sociais da experiência estética nos processos formativos” cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), integrado ao Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação (CIERS-ed) da Fundação Carlos Chagas. As discussões focalizaram a metodologia e epistemologia da “Colcha de Retalhos” desenvolvidas, desde 2001, por Berkenbrock-Rosito, um dispositivo formativo e investigativo como proposta de formação inicial e continuada, em que os sujeitos constroem suas narrativas (auto)biográficas, refletindo acerca de sua experiência formativa nas dimensões escrita, pictórica e oral, compostas por etapas e alcançadas por estratégias distintas.

Elegemos como objeto de estudo, os relatos de experiência da “Colcha de Retalhos Digital” construídos por meio de um questionário respondido pelos participantes do grupo de pesquisa que participaram do dispositivo de maneira digital em 2020 e 2021.

Como objetivo geral, o estudo visa compreender as representações que emergem da experiência estética promovida pelo dispositivo “Colcha de Retalhos Digital”, à luz das representações sociais, buscando no questionário, as respostas dos participantes para apreensão de elementos, das dimensões informacionais, atitudinais e imagéticas.

A primeira dimensão se refere ao conhecimento sobre como a representação do objeto é construída pelo sujeito através das informações que perpassam o meio social. Segundo Villas Bôas (2004, p. 147), “a informação corresponde à organização de conhecimento de um determinado grupo acerca de um objeto social, variando de acordo com a quantidade e a qualidade desse conhecimento”. A segunda dimensão trata das atitudes e de como o sujeito pensa, considera, avalia e sente sobre o tema ou objeto em questão. A terceira dimensão alude aos elementos das representações sociais imagéticas, a uma disposição hierárquica que forma o campo de representação, em que conceitos, emoções, atitudes se condensam em uma imagem, que, para Moscovici (1978), se assumem como um “reflexo interno da realidade externa”, assim,

essas imagens são construções combinatórias, análogas às experiências visuais. São independentes, em graus diversos,

simultaneamente no sentido de que se pode induzir ou prever a estrutura das imagens-fontes pela estrutura de outras, e no sentido de que a modificação de certas imagens cria um desequilíbrio que resulta numa tendência para modificar outras imagens. (MOSCOVICI, 1978, p. 47).

Vale resgatar o contexto deste estudo, pois, em virtude da pandemia do novo coronavírus, SARS Covid-19, as organizações precisaram rever sua atuação e promover adequações para o momento de perigo iminente de contágio e de cuidados essenciais com a saúde das pessoas. No campo da educação, as instituições de ensino, em todos os seus níveis e etapas, foram surpreendidas com uma nova demanda e visando dar continuidade às atividades acadêmicas, adotaram o ensino remoto em seus cursos durante o ano de 2020, até o término da pandemia. A Universidade Cidade de São Paulo, onde o grupo de pesquisa supracitado desenvolve suas atividades, também se adaptou à nova dinâmica imposta, pois os encontros, debates, apresentações e construções científicas passaram a ser mediados pela tecnologia.

Assim, a metodologia e epistemologia “Colcha de Retalhos”, um dispositivo formativo e investigativo que vinha sendo realizado na modalidade presencial, precisou ser parcialmente adequado ao novo cenário. Dessa forma, uma de suas dimensões foi desenvolvida totalmente em ambiente virtual, gerando inclusive um produto final intitulado “Colcha de Retalhos Digital”. Todo esse processo nos colocou frente às novas possibilidades de pesquisas científicas, inicialmente por se tratar de uma construção narrativa mediatizada que promove uma experiência formativa, atravessada por representações sociais.

Esta adaptação contingencial serviu como objeto de estudo para o grupo de pesquisa no sentido de compreender essa experiência estética face à cultura digital, através das seguintes questões: Como os participantes do processo formativo e investigativo representam a experiência estética de sua participação na “Colcha de Retalhos Digital”? Quais representações sociais emergem da experiência estética nos processos formativos mediatizados pela tecnologia?

Para dar suporte à investigação, buscamos na “Colcha de Retalhos” de Berkenbrock-Rosito (2014), uma possibilidade de reflexão, por meio da narrativa (auto)biográfica promovida pela experiência estética, processo em que se evidencia a relação dialógica entre individual e coletivo do sujeito em relação à sociedade, em Josso

(2007, 2010), nos moldes da pesquisa (auto)biográfica em Passeggi (2014). Como leitura de sociedade da informação, propomos um diálogo sobre cultura digital entre Lévy (2000) e Santaella (2004), compreendendo também a estética da indústria cultural em Adorno (2020). Na construção do conceito de experiência estética, nos remetemos a Adorno (2000), e, principalmente, a Schiller (2002), trazendo os preceitos da Educação Estética, baseada na articulação entre o sensível e a razão.

Freire (1996) é o cerne da concepção de Educação presente no dispositivo formativo “Colcha de Retalhos”, cuja principal premissa é de que a educação se afirma como aprendizagem de uma vivência de autonomia do sujeito fundamentada na ética, na estética, na política, na ideologia, na moral e no poder.

Na análise interpretativa do *corpus*, fez-se um estudo apoiado na Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici (1978) para apreensão dos elementos informacionais, atitudinais e imagéticos, que serão compreendidos sob o enfoque hermenêutico na perspectiva de Gadamer (2000), destacando o Círculo de Compreensão, como uma abertura à atitude filosófica.

Deste modo, o artigo está estruturado contendo elementos teóricos, metodológicos, bem como a análise, seus resultados e as considerações finais.

Cultura Digital em tempos de pandemia: o cenário da ressignificação da “Colcha de Retalhos”

Nesta seção, propomos contextualizar o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), em consonância com a cultura digital e ciberespaço em Santaella (2004) e Lévy (2000), relacionando-os aos acontecimentos recentes na educação em virtude da pandemia SARS-CoV2, que promoveu um cenário de ressignificação e adaptação para o desenvolvimento da metodologia da “Colcha de Retalhos Digital”.

É notória a presença das TICs na sociedade contemporânea e percebemos sua consolidação como recursos indispensáveis para que o indivíduo possa interagir, relacionar-se, comunicar-se e aprender. Estamos imersos em um mundo (inter)conectado em que informações se cruzam numa rede global que compõe o que chamamos de Cultura Digital (SANTAELLA, 2003; 2004), (LÉVY, 2000).

A Cultura Digital, para Santaella (2003, p. 27), ocorre na “convergência das mídias, um fenômeno muito distinto da convivência das mídias típicas da cultura”. Para ela, a cibercultura, ou cultura digital, é a cultura do acesso “responsável pelo nível de exacerbação que a produção e circulação da informação atingiu nos nossos dias e que é uma das marcas registradas da cultura digital” (SANTAELLA 2003, p. 28). Já Lévy (2000, p. 17), esclarece que o conceito de cibercultura é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Segundo os autores, o ciberespaço se assume como um novo meio de comunicação, como uma realidade virtual, integrando informações, interfaces gráficas, usuários, com diferentes meios de comunicação.

No contexto educacional e pandêmico, podemos dizer que fomos, sem opção de escolha, lançados ao ciberespaço, com a Educação sendo mediada por tecnologias digitais e a urgência de adaptação a um novo modelo, num cenário com as escolas fisicamente fechadas, acarretando na suspensão do atendimento presencial, em virtude do necessário distanciamento social. Este momento constituiu-se numa oportunidade para pensarmos e planejarmos a educação integrada às novas ferramentas digitais para ensinar e aprender de forma remota, colocando todos numa mesma discussão em prol da continuidade do oferecimento da educação, apesar de estarmos vivenciando uma situação ímpar em que as instituições vinculadas à Educação Básica, assim como ao Ensino Superior, foram obrigadas a se adaptar velozmente, provocando uma disrupção de todo um planejamento que havia sido posto para o ano de 2020.

Neste sentido, o Ministério da Educação (MEC) autorizou o ensino remoto nas escolas públicas e particulares do país enquanto durar a pandemia da covid-19, por meio da Portaria Nº 544, de 16 de junho de 2020, que revogou as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020 e nº 473, de 12 de maio de 2020. Deste modo, ficou permitida a substituição das disciplinas presenciais, em cursos regularmente autorizados, por atividades letivas que utilizassem as tecnologias de informação e comunicação e diferentes recursos digitais. Vale destacar que durante todo o ano de 2020, houve outras regulamentações e normatizações, que ampliaram os prazos para essa transposição até a previsão de cobertura total das atividades realizadas durante os anos de 2020 e 2021.

Deste modo, foi necessário reavaliar as concepções de Educação e perceber que nesse "sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e os computadores" (SANTAELLA, 2004, p. 40), seríamos capazes de estabelecer uma relação contínua de troca, além de reconhecer como o ciberespaço nos permitia acessar, transformar e manipular as informações como um "espaço que se abre quando o usuário se conecta com a rede" (SANTAELLA, 2004, p. 45).

Nesta perspectiva, houve a necessidade de articular diferentes linguagens e novas formas de comunicação e interação para que, ressignificado, o dispositivo investigativo e formativo "Colcha de Retalhos" fosse possível de ser realizado no ciberespaço, de modo a promover uma nova experiência estética, mediada pela tecnologia, aos sujeitos participantes do grupo de pesquisa.

“Colcha de Retalhos Digital”: promovendo experiência estética no ciberespaço

Nesta seção, apresentamos o dispositivo formativo e investigativo "Colcha de Retalhos" ressignificado, compreendendo-o como uma proposta de Educação Estética em Schiller (2002), dentro do campo da pesquisa (auto)biográfica, haja vista que oferece em suas etapas a reflexão do participante por meio da narrativa (auto)biográfica nas dimensões oral, escrita e pictórica, bem como oportuniza tomada de consciência estética em diferentes registros de expressão e de representações sociais, que orienta(ra)m sua formação.

Como já mencionado, diante da necessidade de adequação do desenvolvimento do grupo de pesquisa, coordenado por Berkenbrock Rosito, as atividades que aconteciam na modalidade presencial, passaram a ocorrer em ambiente virtual de aprendizagem (AVA) utilizando recursos para reuniões remotas, via plataforma *Blackboard*.

Para o desenvolvimento de todas as etapas da "Colcha de Retalhos", alguns passos foram mantidos, tal como proposto em 2001, por Berkenbrock-Rosito (2020), e outros foram adequados nas etapas e descrições do processo construtivo, o que pode ser visto no quadro a seguir.

	1ª Dimensão Narrativa escrita	2ª Dimensão Narrativa pictórica	3ª Dimensão Narrativa Oral
1º etapa	Descrevemos três cenas marcantes de nossa experiência formativa.	Buscamos imagens e metáforas em nossos relatos escritos e montamos a narrativa imageticamente para a confecção do retalho.	Narramos nossa história tecida em retalho uns aos outros utilizando a plataforma <i>Blackboard</i> .
2º etapa	Elaboramos o quadro “Linha da vida”, que consiste em mapear momentos charneira de nossa experiência.	Registramos todo o processo com <i>prints</i> e fotografias dos retalhos dos participantes, bem como seu resultado final.	Costuramos coletivamente os retalhos utilizando o recurso digital <i>Padlet</i> . para produzir a Colcha
3º etapa	Assistimos ao filme Colcha de Retalhos (<i>How to make an American quilt</i> , by Mocolin Moorhouse, EUA, 1995) e buscamos metáforas significativas da nossa história de vida compondo a etapa da narrativa fílmica.		Com a Colcha finalizada, discutimos e trocamos impressões acerca da construção coletiva e em seguida, apreciamos esteticamente a obra “Colcha de Retalhos Digital”.

Tabela 1 - As dimensões da “Colcha de Retalhos Digital”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

No quadro anterior, podemos compreender mais claramente sobre as dimensões da “Colcha de Retalhos Digital”, construídas por meio de estratégias e etapas que buscam a produção da narrativa (auto)biográfica dos seus participantes.

Vale elucidar o que seriam os momentos charneira utilizados como estratégia na segunda etapa da primeira dimensão. Josso (2007) faz uma analogia à charneira, um tipo de dobradiça articulada que possibilita abrir e fechar objetos. Esses momentos denominados momentos charneira buscam demonstrar como o sujeito foi afetado e impactado por determinado fato, como divisores de água na experiência de vida do sujeito. Deste modo, compreende-se que a formação docente não está limitada a espaços formais, por ocorrer durante toda a vida em muitas dimensões, como estabelece Josso (2007), como pessoal, social, familiar, educativo e profissional.

Para isso, seguimos os passos e etapas que explicaremos a seguir, cada participante elabora individualmente suas narrativas escritas na primeira dimensão (cenas marcantes, linha da vida e metáforas do filme) e narrativa pictórica da segunda

dimensão, seguindo as estratégias indicadas pela coordenadora do processo. Na sequência, a partilha e a apresentação são feitas no momento denominado de narrativa oral, na terceira dimensão. Foi, principalmente, nesta dimensão em que houve uma adequação do processo presencial para o remoto, pois o ambiente virtual foi o cenário, o mediador e o facilitador. Ainda na narrativa oral, agora em formato virtual, a plataforma *BlackBoard* foi eleita pela instituição de ensino como meio de acesso coletivo aos encontros, assim aconteceu a exposição da narrativa oral do retalho produzido por cada um dos participantes.

Para a produção do retalho, os participantes buscam por imagens e metáforas das suas narrativas (auto)biográficas escritas e criam com insumos de artesanato e materiais de papelaria, no tamanho sugerido de uma folha de papel A4, 297x210mm. Cada retalho representa imgeticamente a narrativa (auto) biográfica de cada sujeito da pesquisa, tendo nele representações figurativas e simbólicas do modo como os sujeitos atribuem sentido a si mesmos em relação ao mundo, no seu processo formativo. Para o formato digital, também houve uma adequação, pois os participantes apresentaram as fotos dos retalhos, ou seja, uma imagem, e não o próprio retalho físico, compartilhada virtualmente na plataforma *BlackBoard*.

Após a narrativa oral realizada pelos participantes, passamos para a segunda etapa da terceira dimensão que é a construção coletiva da “Colcha de Retalhos” por meio da combinação dos retalhos dos participantes, consolidando a narrativa pictórica coletiva em ambiente virtual. Neste momento, em vez de os retalhos serem costurados com agulha e linha formando a colcha física, foi utilizado um recurso digital denominado *Padlet*¹, para a costura no ciberespaço, de modo a se tornarem uma única imagem. A seguir, apresentamos o produto final do processo formativo e investigativo, a “Colcha de Retalhos Digital”, do grupo de pesquisa no ano de 2021.

1 O padlet é uma ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdos multimídia, possui recursos que auxiliam o processo de ensino-aprendizagem.

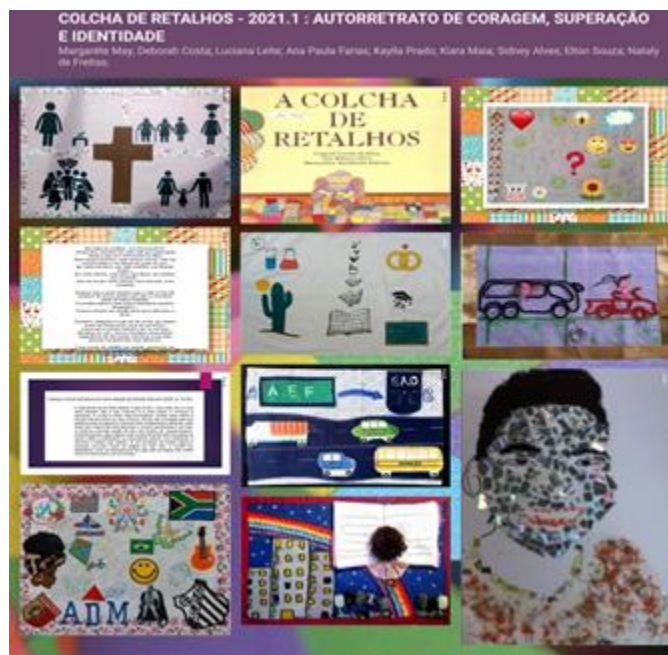


Figura 1 - Colcha de Retalhos Digital 2021

Fonte: <<https://pt-br.padlet.com/MUST/colchaderetalhos2021>>

É importante ressaltar que vivenciamos outra experiência estética produzida em ambiente virtual, em que o ato de costurar com linha e agulha, foi substituído pelos recursos de edição do software *Padlet*. A costura virtual aconteceu em coletividade e com o exercício de autonomia, permitido inclusive pelas possibilidades de disposição dos retalhos, edição textual e escolha do pano de fundo da colcha. Neste momento, cada participante opinou e interagiu para a construção, em tela compartilhada, sincronicamente, de modo que todos acompanharam a produção desde o primeiro retalho até o último, em que o produto coletivo foi finalizado. A partir desse momento, não se tem mais retalhos ou histórias individuais, pois toda partilha passa a ser singular e plural no espaço coletivo.

Após a finalização da “Colcha de Retalhos Digital”, foi solicitado aos participantes que respondessem a um relato de experiência sobre a participação e o seu desenvolvimento nas etapas do dispositivo.

Vale destacar que as tecnologias tiveram um papel crucial para que todo o trabalho pudesse ser realizado. Assim, a utilização de recursos digitais para o desenvolvimento das atividades no grupo de pesquisa mostrou-se uma nova possibilidade de aplicação do dispositivo de formação “Colcha de Retalhos”, para que todas as etapas e dimensões fossem produzidas de maneira digital e virtual.

Experiência estética nos processos formativos: uma manifestação das representações sociais

Com o intuito de aproximação entre representações sociais, narrativas e experiência estética, iniciamos com Larrosa (2002), o conceito de experiência relacionada à ideia de perigo e travessia, como algo que se passa conosco, que nos afeta. Para o autor, ela nos forma e nos transforma, para tanto, a pessoa deve estar aberta, sensível. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe, atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade. Quando falamos das experiências no processo formativo, estamos nos referindo a uma experiência que pode ser ao mesmo tempo formadora e transformadora.

Neste artigo, consideramos o conceito de experiência estética nos processos formativos, por meio da narrativa (auto) biográfica como um processo de pesquisa e formação. Assim, necessitamos recuperar o conceito de estética para Schiller (2002), que pode ser compreendido como um jogo entre o sensível e a razão, sem hierarquia de um sobre o outro. O autor destaca que o sensível emerge por meio da sensação de epifania ou arrebatamento: aquela sensação que nos afeta, sem pedir a nossa permissão, se manifestando pelo gosto ou não gosto, sobre o que lemos, vemos, ouvimos, tocamos, contemplamos e como reagimos diante da experiência estética.

Assim, a noção schilleriana da estética não é apenas o que se refere à razão, mas, como elucidada Santos (1996), também à subjetividade em qualquer representação, sensível ou empírica, alcançada por meio de algum conhecimento teórico ou mesmo de uma ideia moral da razão. Ele compreende que, conseqüentemente, o estético é o sentimento de “harmonia do espírito consigo mesmo quando as suas faculdades se relacionam entre si num livre jogo que, não estando sujeito a leis determinadas de caráter lógico ou moral, não é, todavia totalmente anárquico e sem lei”. (SANTOS, 1996, p. 213).

Nesta direção, Freire (1996) defende que não haja a fragmentação entre razão e sensibilidade na Educação e que a práxis pedagógica deve primar pela integração dos pilares ou linhas invisíveis no desenvolvimento da autonomia: política, ideologia, poder, moral, ética e estética.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 1996, p. 24)

Deste modo, a história narrada nos retalhos, constitui-se como uma experiência estética, por explorar e proporcionar a fruição, as sensações, revelando aquilo que afeta o sujeito, ressignificando o racional por meio do sensível, resgatando as vivências que cada participante traz, refletindo no modo como cada indivíduo representa o vivido nas formas simbólicas da narrativa (auto) biográfica. Assim, o sujeito mergulha em suas releituras e reconstrói-se de outros modos (BERKENBROCK-ROSITO, 2014).

Nesta perspectiva, as narrativas (auto)biográficas, segundo Josso (2010), podem ser vistas como experiências formadoras que representam atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidade. Para a autora,

O conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação. [...] Assim, por definição, a formação é experiencial ou então não é formação, mas a sua incidência nas transformações da nossa subjetividade e das nossas identidades pode ser mais ou menos significativa. (Josso, 2010, p. 48)

Em Josso (2007), compreendemos que a concepção experiencial da formação de si se complementa com as vivências refletidas e conscientizadas, “integrando assim as dimensões de nosso ser no mundo, nossos registros de expressões, nossas competências genéricas transversais e nossas posições existenciais” (JOSSO, 2007, p. 417). É a partir da experiência que transcorre o movimento reflexivo, um processo de ação – reflexão – ação, em que se destaca a conexão entre as ações dos sujeitos no mundo.

Partindo dessa perspectiva, destacamos que o trabalho de reflexão a partir das narrativas (auto)biográficas possibilita, conforme aponta Josso (2007), um trabalho com a subjetividade singular e plural, porque, para a autora, há uma invenção de si em novas perspectivas e formas. Ela ainda complementa que essas formas do sensível são a melhor ilustração possível do paradigma do singular plural. Sendo assim,

[...] elas são uma maneira de dar vida e de dar forma a uma sensibilidade ou sensibilidades – quando se trata de criações coletivas – maneira essa que articula o potencial mais original com uma forma coletivamente reconhecível, ocupando um lugar na continuidade histórica (JOSSO, 2007, p. 435).

Portanto, o caminho proposto pelo processo de narrativas (auto) biográficas permite desvelar a singularidade do sujeito e com ele vislumbrar o social, o coletivo e

perceber o caráter processual da formação em que são articulados espaços, tempos, momentos e as diferentes dimensões de nós mesmos em busca de uma evolução dos contextos de vida profissional e social, como propõe Josso, (2007).

É importante ressaltar que a singularidade do sujeito é desvelada nas narrativas, quando no mergulho investigativo de si, aparecem suas particularidades representativas dentro de um campo simbólico, social, criativo, imagético, o que corrobora com Adorno (2000), quando possibilita ao sujeito o rompimento com amarras sociais, diante da arte autônoma que rompendo com a lógica da racionalidade instrumental em oposição a uma concepção científica e materialista, atrelada também à indústria cultural, que leva os indivíduos a serem excessivamente práticos e irreflexivos, o que os leva àquilo que o filósofo chamou de semiformação, e impediria o indivíduo de emancipar-se.

Em contraponto, a experiência estética proporciona um momento de reflexão que leva à crítica e à interpretação, quando o sujeito é afetado diante do enigma que se apresenta como arte. Assim, o autor assevera que ao exigir a solução, o enigma aponta para o conteúdo de verdade da obra, que só pode ser acessado por meio da reflexão filosófica, pois “a genuína experiência estética deve tornar-se filosofia ou, então não existe” (ADORNO, 2000, p. 152). Isso, para Adorno (2000), é a justificativa da estética.

Nesse processo, em que se narram as experiências, o processo investigativo aflora desnudando os objetos representados com suas faces indissociáveis como verso e reverso, isso em correlação com a formação, que transforma o sujeito em decorrência do(s) objeto(s) representado(s). Para Jovchelovitch (2014), o núcleo central de uma representação social se organiza de forma narrativa. Nesse sentido, para Novais e Passeggi (2020, p. 7), as representações sociais são tanto compostas, quanto compõem narrativas, visto que “é na linguagem e pela linguagem que narrativas e representações sociais se conectam e se tornam indissociáveis.”

Do ponto de vista educacional, a TRS pode ser entendida como “estudo do pensamento de senso comum das disciplinas educacionais e as práticas que elas exibem em relação à instituição escolar” (CAJIGA; VARGAS, 2016, p. 65). As representações sociais assumem um modo de interpretar e comunicar, produzindo e elaborando conhecimentos. Para Moscovici (1978), elas são

um conjunto de conceitos, proposições e explicações na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das

sociedades tradicionais; podem também ser vistas como versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1978, p. 181).

É importante contextualizar que o autor admite um sujeito simbólico e histórico, cuja leitura de mundo e as práticas sociais são mediadas pela memória, que se constitui como uma seleção de imagens do mundo, em diferentes dimensões, abordagem explorada neste artigo, originada em Moscovici (1978), que demonstra como a representação de determinado conteúdo é composta de três dimensões: informação, atitude e imagem.

De um modo geral, a primeira dimensão procura identificar e estudar todas as informações que os sujeitos, ou mesmo um grupo, têm sobre o objeto de pesquisa; a segunda dimensão trata da atitude, em que se verifica se os indivíduos possuem ou não atitudes favoráveis ao objeto estudado e a terceira versa sobre a imagem ou campo de representação que se refere a um conjunto de conhecimentos que o grupo sobre o objeto e a articulação com as informações e a manifestação das atitudes (CAMARGO, 1998 *apud* FERREIRA; BRUM, 2000).

Metodologia da Pesquisa e apresentação dos resultados

Após a finalização da “Colcha de Retalhos Digital”, para compreendermos como foram consideradas as adaptações realizadas, convidamos os participantes de dois semestres, nove (9) participantes de 2021 e cinco (5) participantes de 2020, para responder um questionário pelo *Google forms* contendo as seguintes perguntas: 1. Escreva três palavras que vêm imediatamente à sua mente depois da participação da Colcha de Retalhos. 2. Descreva o que você mais gostou na participação da Colcha de Retalhos. Por quê? 3. Descreva o que você menos gostou na participação da Colcha de Retalhos. Por quê? 4. Descreva sua experiência na participação da Colcha de Retalhos, destacando como foi para você realizar a atividade em ambiente virtual.

Neste estudo, selecionamos a quarta questão como *corpus* textual para a análise, elegendo como método, o Círculo da Compreensão em Gadamer (2000), em que por meio da hermenêutica, “compreender significa que eu posso pensar e ponderar o que o outro pensa [...] Compreender não é, portanto, uma dominação do que nos está à frente, do outro e, em geral, do mundo objetivo” (GADAMER, 2000, p. 23). O Círculo da Compreensão envolve um diálogo socrático, num processo em que objeto e sujeito se transformam, já

que o objeto a ser interpretado não é fixo, pois sofre alterações com a atuação do pensamento que se esforça para interpretá-lo, obtendo nova compreensão.

Para preservar as identidades dos participantes foram eleitos nomes de diferentes constelações para seus pseudônimos, em alusão à complexidade do estudo das dimensões, que emergem de um "universo de opiniões" (MOSCOVICI, 1978). Assim, tendo como base a TRS, realizamos uma análise de conteúdo das falas dos participantes para identificar cada dimensão que compõe uma representação social conforme a abordagem dimensional de Moscovici (1978).

Neste viés, buscamos compreender como os participantes representam a experiência estética na narrativa (auto) biográfica da “Colcha de Retalhos Digital”. No entanto, diante do entendimento da complexidade do tema, não pretendemos encerrá-lo, propomos um construto que se insere no limite de duas perspectivas, refletindo sobre as dimensões das representações da experiência estética da “Colcha de Retalhos Digital”.

Neste panorama, a primeira dimensão a ser analisada diz respeito às informações que os entrevistados possuíam sobre a formação no ciberespaço. Na segunda, relativa às atitudes, consideramos o posicionamento dos entrevistados com relação à experiência de participar da “Colcha de Retalhos Digital”. A terceira dimensão, que aborda a construção da imagem, fruto da junção da informação e da experiência, busca compreender a representação social dos entrevistados sobre a “Colcha de Retalhos Digital”.

Acerca da primeira dimensão, pudemos observar que os participantes compreendiam do que se tratava o ciberespaço voltado para a Educação, como observamos na percepção de Áquila, “o espaço virtual apresenta novas possibilidades de interação, comunicação e aprendizagem de forma remota e é possível reunir pessoas de diferentes lugares com mais facilidade por não temos que nos deslocar”. Já Carina, aponta como o cenário atual exigiu esta adaptação, pois “realizar a atividade em ambiente virtual foi necessário devido à situação pandêmica”.

Pudemos observar na rede semântica de alguns fragmentos das falas identificados nas entrevistas com os sujeitos de pesquisa o que dizem respeito desta categoria. Depois disso, pudemos inferir que a representação social sobre o ciberespaço, está espelhada quando a tecnologia é expressa como espaço de aprendizagem, de formação, troca de conhecimento, de histórias contadas por meio das narrativas mediadas pelas TICs.

Assim, Cignus relata que “mediados pela tecnologia, estimulamos outros sentimentos, no meu caso, a escuta”. Esta informação que o entrevistado apresenta já

rompe com o senso comum de que o ambiente virtual é frio e poderia ser um empecilho para a continuação do processo formativo, na perspectiva da Educação Estética, que preza pelo equilíbrio entre razão e emoção. Consoante, Sagitta destaca que “o fato de ser virtual não trouxe grandes dificuldades”.

Deste modo, pudemos perceber que os participantes da “Colcha de Retalhos Digital” compreendem o ciberespaço como ambiente de aprendizagem e espaço de formação. Este conjunto de informações, certamente, está relacionado às práticas sociais, bem como, toda cultura em que os sujeitos estão imersos (MOSCOVICI, 1978). O contexto pandêmico inseriu, compulsoriamente, todos os indivíduos na cultura digital, como nunca antes vivenciado, em que mesmo pequenas reuniões familiares e salas de aulas precisaram ser substituídas.

Outro aspecto importante a ser considerado é o ciberespaço como local de ressignificação do dispositivo formativo “Colcha de Retalhos”. Neste sentido, Eridanus afirma que “foi possível validar nossas histórias e reforçar nossos laços mesmo que através da tela do computador”.

Neste sentido, enfatizamos uma relação ambígua com o processo formativo mediado pelas TICs, pois foi a única solução para dar continuidade, mas também os participantes admitem como o espaço virtual apresenta novas possibilidades de interação, comunicação e aprendizagem, além do que, de forma remota, é possível reunir pessoas de diferentes lugares sem a necessidade do deslocamento físico.

Essas informações também são construídas coletivamente, não apenas para o dispositivo investigativo e formativo, mas para todos os sistemas educacionais, nessa circunstância, palavras como remoto, síncrono, assíncrono, aula *on-line* e plataforma digital passaram a operar como representação social logo após a suspensão das aulas presenciais nos sistemas de ensino do Brasil, em decorrência da necessidade de distanciamento social imposta pela pandemia de SARS Covid-9.

Na segunda dimensão, procuramos compreender o que os participantes pensam, consideram e sentiram sobre a participação no momento da construção da “Colcha de Retalhos” de forma remota em ambiente virtual. Iniciamos com Fênix, “na colcha de retalhos virtual, surpreendentemente, em um momento esqueci que estava online e senti como se estivesse na universidade em companhia dos colegas do grupo de pesquisa”.

Podemos perceber que foram momentos de interação e aprendizado e que, apesar de ter ocorrido de maneira remota e por meio de tecnologias, aconteceu carregado de

sensibilidade e emoção. Deste modo, os participantes, mesmo não estando juntos no espaço físico, o que denotaria distanciamento e um espaço não acolhedor, foram tocados pela experiência narrada por cada um dos participantes e representado pelo vivido nas formas simbólicas da “Colcha de Retalhos Digital”, como revela Antlia:

Com o ambiente virtual perdemos a oportunidade de estabelecer maiores vínculos afetivos, mas os sentimentos que emanam deste momento formativo conseguiram, a meu ver, ultrapassar a tela do computador e tocar a cada um dos participantes (Antlia, 2021).

Estes excertos demonstram como os participantes apesar de fazerem parte de uma cultura do ensino presencial, tiveram um posicionamento favorável sobre a viabilidade de forma remota em ambiente virtual da construção da “Colcha de Retalhos”, mesmo contradizendo o que acreditavam antes. Assim, vemos como a experiência estética, mediada pelas TICs, possibilitou a reavaliação de um paradigma, de uma representação social sobre a cultura digital, como expõe Cygnus, ao dizer que sentiu “tanta emoção ao partilhar e ouvir a narrativa dos participantes, como se estivesse presencialmente”.

Isso também fica evidente na fala de Eridanus, com o termo “mesmo”, mostrando contradição na sua concepção anterior e na ressignificação alcançada, “foi uma experiência interessante e importante nestes tempos de pandemia. Foi possível validar nossas histórias e reforçar nossos laços mesmo que através da tela do computador.”

A terceira dimensão aborda a imagem que os participantes apresentam do dispositivo formativo. Será possível verificar que tanto o processo formativo, como a figura do outro estão relacionadas com a imagem que os participantes possuem da “Colcha de Retalhos Digital”.

É interessante observar que alguns participantes já compreendem que os momentos de aprendizagem não ocorrem apenas pelo viés racional, mas que dependem muito da sensibilidade e das experiências significativas a que têm acesso, como Carina destaca,

É claro que nada substitui o olho no olho, o calor da presença dos colegas, mas, ainda assim, as emoções vieram à flor da pele. Nós rimos juntos, nós choramos juntos, nos refletimos juntos. Nós brincamos de forma remota (Carina, 2021).

O caráter formativo é revelado na fala de Ara “acredito que nossas experiências narradas possam de fato se tornar aprendizados, não só para nós próprios, mas também para outros”. Esta imagem de aprendizado resgata uma dimensão reflexiva,

como condição essencial no processo. Assim, relembramos que compreendemos a dimensão estética, ao dizer que a experiência, como ato de aprender, excede os limites racionais, pois perpassa o coração (SCHILLER, 2002).

Outra inferência possível é também com relação à imagem que o participante tem da subjetividade singular e plural, da construção coletiva da “Colcha de Retalhos Digital”, como aponta Fênix.

Pude perceber o poder de ouvir a história do outro, em qualquer ambiente que seja isso nos faz compreender perfeitamente, o vivido, o sentido pelo outro. Momento em que emergem múltiplas incidências na história de vida de cada um, formando realmente uma história única, coletiva. (Fênix, 2021).

Nesta perspectiva, retomamos Josso (2007), pois são os elos biopsicossociais que emergem na narrativa (auto) biográfica, que nos levam a compreender que a formação acontece em vários espaços e que ocorre especialmente nas relações sociais. É o que ficou evidenciado para a maioria dos participantes com o reconhecimento do papel do outro no processo de formação. Esta concepção está presente também no relato que Antlia,

Foi uma experiência transformadora no tocante a ressignificação de minha identidade pessoal e profissional. Narrar e refletir sobre minha trajetória, a partir de diferentes tipos de narrativas ampliou a compreensão de meu eu pessoal e profissional, e me fortaleceu para seguir firme em meus propósitos de vida e formação (Antlia, 2021).

Conforme vimos em Josso (2007), o estudo dos processos de formação que consideram a construção de saberes e de aprendizagens por meio das narrativas (auto)biográficas pode nos levar a compreender as experiências formadoras. E é nesse sentido que os participantes destacam que as experiências narradas passam a se tornar aprendizado para si e para o outro.

É importante destacar que o caminho proposto pelo dispositivo permite desvelar a singularidade do sujeito e com ele vislumbrar o social, o coletivo e perceber, assim como propõe Josso (2007), o caráter processual da formação em que são articulados espaços, tempos, momentos e as diferentes dimensões de nós mesmos em busca de uma evolução dos contextos de vida profissional e social, considerando os afetos, as atitudes, os valores compartilhados, experiências afetivas e sociais.

Desta maneira, vai tomando forma a imagem que os participantes têm da “Colcha de Retalhos Digital”, composta por suas informações, sensações e culminando na construção da representação social. De acordo Abdalla (2013),

as representações fazem parte dos processos de interação e de comunicação entre indivíduos e grupos, colaboram com o processo de formação das representações sociais, pois constituem atos de partilha de consensos e/ou conflitos, e possibilitam a gênese e a dinâmica dos grupos envolvidos. (ABDALLA, 2013, p. 134)

Assim, a experiência estética não é apenas uma contemplação do belo, mas contém uma ação prática de fazer emergir nas narrativas as representações de valores e princípios que a imagem da representação da “Colcha de Retalhos Digital”, para os participantes, está ligada à ideia do coletivo, pois os sujeitos participantes emergem nos diferentes tempos e espaços nas trajetórias singulares e plurais tecidas no coletivo.

Neste contexto, a imagem da representação da “Colcha de Retalhos” para os participantes está ligada à ideia de coletividade, pois a exposição da singularidade se imbrica com o social, em que a participação no dispositivo promove experiência formativa através da narrativa de si por meio de um jogo de razão e emoção no espaço da cultura digital.

Considerações Finais

Diante do cenário de pandemia do novo coronavírus, SARS Covid-19 e com a imposição do distanciamento social, o grupo de pesquisas “Narrativa (auto) biográfica Pictográfica: representações sociais da experiência estética nos processos formativos”, buscou compreender as representações da experiência estética das narrativas (auto) biográficas em ambiente virtual, a partir da “Colcha de Retalhos Digital”, como dispositivo formativo e investigativo à luz das representações sociais.

Nesse estudo inédito, o dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos” entra no bojo da pesquisa em adaptação para ambiente virtual. Logo, o termo utilizado passa a ser “Colcha de Retalhos Digital”, em concordância com o ciberespaço, impulsionando a compreensão da experiência dos sujeitos participantes do grupo, nos anos de 2020 e 2021.

Para a análise interpretativa do *corpus*, além de elegermos como método interpretativo o Círculo de Compreensão de Gadamer (2000), fez-se um estudo apoiado na

TRS de Moscovici (1978), para apreensão dos elementos da abordagem dimensional, sendo elas, informacional, atitudinal e imagética, que compõem representações sociais dos participantes do dispositivo formativo “Colcha de Retalhos Digital”, buscando compreender como são percebidas as experiências estéticas no ambiente virtual.

Os dados da pesquisa permitiram compreender as representações da experiência estética da “Colcha de Retalhos Digital” como um espaço coletivo para reflexões em que a tecnologia é expressa como lugar de aprendizagem, de formação, troca de conhecimentos e de histórias contadas por meio das narrativas mediadas pelas TICs.

Além disso, uma atitude positiva e favorável à participação na construção da “Colcha de Retalhos” no ciberespaço evidenciou um predomínio no discurso coletivo dos participantes que revela uma experiência estética, demonstrando emoção e sentimentos alusivos às narrativas (auto) biográficas.

Neste sentido, percebemos um entrelaçamento da abordagem dimensional e a Educação Estética, pois em ambos temos a participação da razão (informação) e da sensibilidade (atitude) para construção de um conhecimento (imagem). Deste modo, o senso comum atribuído à aprendizagem de ser meramente um processo racional e cognitivo é quebrado pela experiência estética, que fomenta e instiga a sensibilidade do sujeito, promovendo o jogo lúdico entre razão e emoção.

Da mesma maneira, é lugar comum considerar que o ambiente presencial da sala de aula, é mais humano e acolhedor, enquanto o ambiente virtual é tido como distante e frio. Os dados revelam que a participação na construção da “Colcha de Retalhos Digital” em ambiente virtual, gerou sensações e promoveu uma experiência estética capaz de transformar essa representação social.

Vimos que a “Colcha de Retalhos Digital” contribuiu para entender a necessidade de se promover experiências estéticas, mesmo num modelo de Educação à Distância, em ambiente virtual, que se constituiu como um espaço de escuta acolhedor, porque considerou a história de cada participante e de sua leitura de mundo. Este processo reflexivo, a partir do diálogo e das relações neste ambiente formativo virtual, problematiza e nos constitui como sujeitos destas nossas experiências de vida, que se cruzam neste caminho de pesquisa.

Referências

ABDALLA, Maria de Fátima. Representações Sociais: aproximações/fronteiras entre Bourdieu e Moscovici. In: ENS, Romilda Teodora; VILLAS-BÔAS, Lúcia Santiso; BEHERENS, Marilda. **Representações Sociais: Fronteiras, Interfaces e Contexto**. Curitiba: Champagnat, 2013, p. 109-136.

ABRIC, J-C. Central System, Peripheral System: Their functions and roles in the dynamic of social representations. **Papers on Social Representations**, Lisboa, v. 2, n. 2, p. 75-78, Mar. 1993.

ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Indústria cultural**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

BERKENBROCK-ROSITO, M. M. Retalhos imaginativos: a dimensão estética nos processos formativos autobiográficos. **Cadernos de Educação**. Pelotas, v. 48, p. 52-65, maio-agosto 2014.

BERKENBROCK-ROSITO, M. M.; SOUZA, J. P. P. Documento autobiográfico: costuras estéticas nos processos narrativos da prática docente. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 20, n. 66, p. 1255-1279, jul./set. 2020.

CAJIGA, Y. C.; VARGAS, O. M. Representaciones sociales en la investigación educativa. Estado de la cuestión: producción, referentes y metodología. **Perfiles educativos**, México, v. 38, n. 153, p. 65-83, sept. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-26982016000300065&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 04 abr. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADAMER, H. G , et. al. **Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

FERREIRA, Sandra R. S.; BRUM, Jane L. R. As representações sociais e suas contribuições no campo da saúde. *Rev. Gaucha Enferm.* Porto Alegre, v. 20, 2000. p.5-14. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4323>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, set/dez, 2007. p. 413-438.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Uma abordagem sócio-genética do núcleo central das representações sociais: o caso da esfera pública brasileira. In: Conferência Internacional

sobre Representações Sociais, 12., 23 jul. 2014, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2014. Conferência ministrada. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/10485>>. Acesso em: 01 ago. de 2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, jan./abr. 2002, p. 20-28.

LEVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: 34 Letras, 2000.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr., 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br>>. Acesso em: 07 out. 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria nº 544 de 16 de junho de 2020 (BR)**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Diário Oficial da União, Brasília (DF), 17 jun 2020: Seção 1: 62.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista Famecos**, v. 10, n. 22, p. 23-32, 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo, SP: Paulus, 2004.

SANTOS, L. R. dos. Educação Estética a dimensão esquecida. In: SANTOS, L. R. dos (coord.). **Educação Estética e utopia política**. Lisboa: Colibri, 1996.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

VILLAS BÔAS, Lúcia Pintor Santiso. Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana. **Psicol. educ. [online]**. 2004, n. 19, pp. 143-166. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-69752004000200008>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Margaréte May Berkenbrock-Rosito, Kiara Maia de Oliveira, Nataly Chaves de Freitas, Deborah Christina Lopes Costa*

Submetido em 05/09/2021

Aprovado em 15/06/2022

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)